

Esperanças¹

Renato Trachtenberg²

Cuando la tormenta pase y se amansen los caminos y seamos sobrevivientes de un naufragio colectivo. Con el corazón lloroso y el destino bendecido nos sentiremos dichosos tan sólo por estar vivos. Y le daremos un abrazo al primer desconocido y alabaremos la suerte de conservar un amigo. Y entonces recordaremos todo aquello que perdimos y de una vez aprenderemos todo lo que no aprendimos. Ya no tendremos envidia pues todos habrán sufrido. Ya no tendremos desidia seremos más compasivos. Valdrá más lo que es de todos que lo jamás conseguido seremos más generosos y mucho más comprometidos entenderemos lo frágil que significa estar vivos, sudaremos empatía por quien está y quien se ha ido. Extrañaremos al viejo que pedía un peso en el mercado, que no supimos su nombre y siempre estuvo a tu lado. Y quizás el viejo pobre era tu dios disfrazado. Nunca preguntaste el nombre porque estabas apurado. Y todo será un milagro y todo será un legado y se respetará la vida, la vida que hemos ganado. Cuando la tormenta pase te pido dios, apenado, que nos devuelvas mejores, como nos habías soñado. (*Mario Benedetti*)

¹ Trabalho apresentado na atividade “A Brasileira na praça” sobre o tema: “Esperança: espera ou andança” (abril de 2019).

² Membro fundador, titular e didata da SBPdePA.

Uma nota introdutória

Este texto foi escrito e apresentado antes da pandemia que nos assola. Perguntei-me se hoje eu o mudaria. Minha resposta é não, nem uma vírgula. Talvez, o reescrevesse com letras maiúsculas. O que aqui apresento se tornou ainda mais verdadeiro para mim. Minha esperança continua viva, um pouco mais maiúscula do que antes.

O que os poetas dizem e que me fazem duvidar da necessidade de seguir essa escrita...

Enquanto houver um louco, um poeta e um amante
haverá sonho, amor e fantasia. *E enquanto houver sonho,
amor e fantasia, haverá esperança* [ênfase adicionada].
(*Shakespeare*)

La utopía está en el horizonte. Camino dos pasos, ella
se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se
corre diez pasos más allá. Por mucho que camine nunca
la alcanzaré ¿Entonces para qué sirve la utopía? Para
eso, *sirve para caminar* [ênfase adicionada]. (*Eduardo
Galeano*)

Quando penso que uma palavra
Pode mudar tudo
Não fico mudo
Mudo
Quando penso que um passo
Descobre o mundo
Não paro o passo
Passo
E assim que passo e mudo
Um novo mundo nasce
Na palavra que penso.
(*Alice Ruiz*)

Ojalá es después de todo un más allá al que quisiéramos
llegar después del puente o del océano o del umbral o de
la frontera. (*Mario Benedetti*)

Incluso en los inviernos más hostiles los árboles llevan dentro de sí las flores de la primavera. (*Proverbio Zen*)
O futuro é uma espécie de banco ao qual vamos remetendo, um a um, os cheques de nossas esperanças. Ora, não é possível que todos os cheques sejam sem fundo. (*Mario Quintana*)

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!
(*Mario Quintana*)

Deixem dormir o futuro como merece. Se o acordarem antes do tempo, teremos um presente sonolento. (*Franz Kafka*)

Então sigo escrevendo, mas com a ajuda deles...

Vem vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora,
Não espera acontecer.
(Geraldo Vandré, Caminhando ou Porque não falei de flores)

A beleza da letra de G. Vandré pode nos fazer pensar que a espera não é saber. Esperar é saber, assim como saber é a hora de caminhar, a andança. Entretanto, o título que nos convoca hoje aqui – *Esperança: espera ou andança* – convida-nos a escolher entre as duas opções, pois elas se apresentam excludentes pelo *OU*. O *E*, para mim, é o que dá sentido ao que penso ser a esperança: espera *E* andança, *espera<>andança*. Uma ideia complexa, um paradoxo. Sustentá-lo não é fácil.

Até para lutar por uma boa causa temos que conciliar a espera com a andança sob pena da paralisia ou da impulsividade. Espera não é covardia, é prudência. Andança não é valentia, é coragem. As duas, combinadas, configuram o que se chama PENSAR. Quando estamos com uma pessoa em análise, todo tempo temos que oscilar entre essas dimensões, sendo os tempos de cada uma absolutamente singulares em cada momento. Porém, vou além e penso que isso não é específico de uma psicanálise, mas de qualquer atividade humana em que o pensar deve estar presente. Uma mãe que não espera para entender o que o seu bebê está

demandando irá produzir uma ação que introduzirá mais de seu próprio desejo do que incluirá o desejo ou a necessidade de seu bebê. A ação, a andança, a resposta, é importante, fundamental, mas tem que estar conectada com uma espera que permita o surgimento de um saber sobre o bebê em cada instante, pois esse saber não pode ser estático, repetindo as mesmas respostas. Esse conjunto se chama pensar, pensar o desejo do outro e agir para satisfazê-lo quando possível, pois, “quem espera sempre alcança, três vezes salve a esperança.” As falhas nesse processo empurram ao bebê para o terreno da expectativa e não da esperança.

E louvo, pra começar
Da vida o que é bem maior
Louvo a esperança da gente
Na vida, pra ser melhor
Quem espera sempre alcança
Três vezes salve a esperança!
(G. Gil e Torquato Neto, Louvação)

Com isso, enfatizo uma diferença entre expectativa e esperança. Muitos não a fazem, mas talvez fazê-la possa nos ajudar a entender melhor o que a esperança significa. Penso que expectativa é um termo mais saturado, mais fechado, em que um desejo espera ser realizado por parte de alguém ou algo, pois não ocorreu alguma situação anterior que permita a esperança. Nessa situação anterior não houve a possibilidade de que um outro fosse internalizado como um alguém que sabe esperar e satisfazer quando for possível. Se tal internalização ocorre podemos ter esperanças; se não, mantemos expectativas de que alguém deverá aparecer com a solução. A expectativa carrega mais o significado de uma espera passiva e, com isso, suporta menos a frustração se o desejo não é satisfeito. A esperança na sua dimensão de espera e andança simultâneas coloca o sujeito como co-responsável pelo seu desejo, assumindo-o numa ação desejante. Por isso a esperança é a última que morre, pois antes dela outras esperas mais passivas já sucumbiram. As crianças pequenas vão progressivamente passando das expectativas em direção à esperança, pois à medida que o sujeito cresce como sujeito mais irá se responsabilizar pelos seus desejos. Claro, esse não é um movimento linear nem acabado, sempre estaremos, muitas vezes, com dificuldades bem humanas de renunciar às expectativas ou, dizendo o mesmo de outra forma, de renunciar à nossa infância, sempre presente, enquanto espera impossível. Essa questão me parece fundamental para pensarmos alguns fenômenos como o fanatismo, os fundamentalismos que, quase sempre, trazem à tona essa expectativa de que alguém, um mito, um messias, virá para resolver

nossos problemas. Isento-me da difícil tarefa de pensar e espero, então, que *um outro* “pense” por mim.

Expectativas se referem a objetivos conscientes, racionais. Falamos em expectativa de vida, mas não falamos em esperança de vida. As expectativas pedem o encontro do finito, da realização do desejo. A esperança é um sentimento, uma experiência emocional, um valor em si mesmo. A esperança não tem necessidade de realizar-se. É um valor humano, como a liberdade, a justiça. É, como a verdade, uma busca sem fim, aceita o infinito, não só o ainda-não de E. Bloch (ver adiante), mas também o ainda-nunca. O futuro na esperança não é uma fronteira demarcada, o traço definido, o marco de um quadro. É o horizonte, o arco-íris, o deslocamento, o adiamento, o firmamento. Nas crianças, como diz Meltzer, o tempo se mede em tempo-esperança: segundos-esperança, minutos-esperança, é um tempo curto para suportá-la, para tolerá-la. É quase o mesmo que uma expectativa. À medida que crescemos podemos falar em horas, dias, semanas, meses, anos-esperança. Um artista ou um cientista pode falar em séculos-esperança, quando uma intuição ou uma obra será considerada valiosa para outros seres humanos, mesmo sabendo que não estarão vivos para desfrutar a glória. A esperança assim se separou da expectativa. Ou seja, com o tempo podemos manter a chama viva de que algo poderá ocorrer no futuro. Mesmo que esse algo seja um não ou um não-ainda ou um não-nunca. Implica um acreditar, uma confiança básica, uma visão interior, em que temos uma antevisão e não uma visão anterior para poder crer. As experiências com a esperança nos ajudam a sustentar novas esperanças. Elas não precisam morrer com os momentos de desesperança que podemos ter. Como já disse, isso requer experiências de espera que puderam ser toleradas antes do encontro com a satisfação. É óbvio que as satisfações aumentam a tolerância à espera, mas não é a única condição. Saber esperar é cada vez mais difícil nos tempos de hoje, nos quais os relógios são cada vez mais acelerados. O tempo de uma resposta de um *whats*, ou de uma curtida no *face*, pode ser, para alguns, um tempo de vida ou morte da autoestima. Ou seja, a cultura que acelera essa temporalidade colabora para que a esperança se perca. Voltamos a ser os bebês que medimos nossos tempos-esperança em segundos ou minutos.

Penso que os psicanalistas com seus pacientes desesperançados deveriam pôr a trabalhar seus sentidos para tentar escutar, detectar, cheirar, perceber, o novo, o diferente, o inédito, o inaudito. Ele pode aparecer numa mudança de uma palavra, numa falha dela, ou na música ainda não registrada de uma narrativa repetida à exaustão. Ninguém repete da mesma forma o mesmo texto. Nossos ouvidos humanos não estão preparados para registros às vezes tão sutis. Uma poetisa já disse que seu poema nunca é o mesmo quando o contexto muda,

as escutas são outras e sua própria voz é irrepetível. Há algo novo no poema que antes não estava ali. Se chegarmos a perceber esse algo novo, devemos nos agarrar a ele como se tivéssemos encontrado um diamante ou um dia-mente. Uma preciosidade a ser lapidada, uma esperança recém-nascida que pode nos escapar e, pior ainda, pode ser tratada como algo que apenas se repete, renovando a desesperança de ambos, analista e analisando.

Bion disse – quando alguém lhe falou que iria discutir com ele um caso de um paciente terminal – que não existem pacientes terminais; e complementou: esse paciente pode ter vindo para aprender a viver melhor (que inclui o morrer melhor). Minha experiência com situações como essas me convenceu que pensá-las assim faz renascer, reviver, a esperança de pacientes e analistas. Esperança de vida. Aqui temos outra lógica, diferente da lógica usual, uma lógica da esperança. Um paciente terminal que vem à análise é um paciente com esperança, não com expectativas. O analista que pode pensar dessa forma é um analista que também usa a lógica da esperança. Uma lógica psíquica e ética, pois a esperança também implica uma ética, como a hospitalidade, a liberdade ou a justiça. A ética da esperança inclui a responsabilidade por mantê-la viva mesmo que a realidade pareça nos dizer que ter esperança é uma ingenuidade. A esperança derrotada, a sua morte, equivale à morte da vida, à sua desapareção, a morte em vida. Por isso a expressão “a esperança é a última que morre” ainda não morreu.

O escritor israelense Amós Oz, em seu livro *Contra o fanatismo*, diz que a paz tão almejada entre palestinos e israelenses seria uma obra inacabada, pois nenhum dos dois lados ficaria satisfeito com os acordos possíveis. Mas essa insatisfação, esse *inacabamento*, seria a marca do possível, com renúncias dolorosas de desejos e aspirações de ambos os lados. Essa paz frágil era a única possibilidade de convivência não idealizada, nem amorosa, apenas o menor mal possível, com menos violência e mais pensamento. Essa paz eu chamaria de esperança e não expectativa. A expectativa seria algo muito frustrante, demasiado afastado do possível. Além disso, as expectativas não cumpridas podem reforçar e produzir fanatismos. A aceitação de uma solução que não fosse final ou total e sim parcial, sempre sujeita a revisões, sempre inacabada, com lutos pelos desejos de ambos os lados, é o que eu chamaria de esperança. Inclui responsabilidade e incertezas de parte a parte. Uma curiosidade: o hino de Israel tem Esperança como nome (Hatikva). Esperança, uma canção judaica popular que se fez hino por transmitir um sentimento (um pré-sentimento) de que, apesar de tudo, haveria um tempo, um lugar, em que a espera se faria também andança.

Nesse sentido, vejo a esperança mais próxima das utopias do que das grandes ideologias, pois nessas últimas a espera não faz sentido, e aí sim *esperar não é saber, e quem sabe faz a hora, não espera acontecer*. Ou seja, expectativas. Mas a

esperança não é mesmo um saber e sim configura o que chamamos sabedoria, que é um saber que não se sabe e que se tolera não sabê-lo.

Ernst Bloch, o filósofo marxista (segundo alguns, o mais romântico ou o mais utópico; ou seja, com muito mais esperança que expectativa), traz-nos o tempo do ainda-não, o tempo da esperança. Esperar é um aprendizado fundamental e por isso dizemos “ter que saber esperar”. Mas é uma espera ativa, o saber esperar que faz tolerável o ainda-não. O aprendizado do esperar se dá na relação com um outro que saiba esperar, possibilitando esse tempo do ainda-não que vem do outro, o ainda – não-sei ou o ainda não sei-o. Esse tempo do outro implica a esperança de que algo fará sentido e então se saberá algo que deixará de ser apenas espera e passará a ser também andança. O sujeito é um sujeito em estado de tornar-se com idas e vindas, movimentos nem retilíneos nem uniformes. É um andar, uma andança, uma mudança, uma dança em direção a algo que se alcança ou não, algo que não sabemos de antemão, mas que de seu alcance não depende a esperança. Partimos, portanto, da ideia de que a esperança não se esgota em uma realização particular, mas estimula constantemente a ação do homem que constrói o futuro.

Como utopia, como sonho, como esperança, *Imagine* do Lennon é imbatível. Além de sua beleza ímpar, destaca um componente fundamental da esperança: a imaginação, aquilo que em nós acessa o futuro antes mesmo do futuro chegar.

Imagine there's no heaven
It's easy if you try
No hell below us
Above us only sky
Imagine all the people
Living for today

Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
A brotherhood of man
Imagine all the people
Sharing all the world
You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one

Zeferino Rocha, em seu trabalho *Esperança não é esperar, é caminhar* (título que “simplifica” a complexidade e a ambigüidade do esperar/caminhar), comenta que Heráclito dizia que quando não se espera não se encontra o inesperado. Segundo esse último, o esperado não deveria ser concebido como algo que se alcança, um objeto que se encontra ou se recebe, como um prêmio que se consegue no fim da caminhada. Na sua essência, a esperança é, antes, um horizonte que se descortina, um apelo que nos convida a caminhar e a ir sempre adiante pelos caminhos da vida. Ela não deve ser considerada o desejo de uma “realidade objetiva” que se pode representar no presente e que se pode imaginar como uma recompensa que nos será dada no futuro, nem muito menos “algo concreto”, cuja posse se consegue no fim da caminhada. Heráclito nos leva a pensar a esperança sob a forma de uma “disposição interior”, ou de uma “força psíquica”, que sustenta o desejo de caminhar. Nesse sentido, a esperança só se concebe enquanto sustenta o desejo de ir em direção a um objeto que não se tem e que se o tivéssemos, extinguiria o próprio élan da esperança. Quando se espera se aposta no escuro. Quem espera não conhece nem pode representar o objeto de sua esperança, porque esse ainda não existe. Esperança, portanto, não é só caminhar, mas é caminhar na escuridão da noite, mesmo quando não se está em condição de poder contar com a luz de uma estrela-guia. É esse o legado que nos deixou Heráclito para uma abordagem filosófica da esperança. Uma vez que, para ele, não se pode encontrar o que se espera e não se pode representar o objeto da esperança, pois ele está além das nossas representações, é legítimo concluir que esperar é também caminhar, e caminhar no escuro, indo sempre adiante, quaisquer que sejam as dificuldades que apareçam em nossos caminhos, fazendo caminhos ao andar. *Esperandanças.*

Esperanças e Liberdade

Talvez muitos não saibam que a atual rua Miguel Tostes, em Porto Alegre, chamava-se rua Esperança (vocês imaginam alguma rua chamada Expectativa?). Essa história é de um tempo em que as ruas levavam nomes de valores humanos essenciais e não tanto de pessoas que passaram por este mundo. Conheci, quando criança, uma esquina, a da rua Esperança com a rua Liberdade. Para mim é/era a esquina mais bela de Porto Alegre; minha família paterna passava muitas tardes de domingo na casa de um tio querido que ali morava com sua família. Dizem os mais velhos, ou os mais sábios, que, nos tempos da escravidão, escravos fugiam de uma grande fazenda que ocupava grande parte dos altos dos Moinhos de Vento, Bela Vista, etc. Desciam o morro em busca de Esperança, um caminho que ainda não era rua, um desejo que se esparramava em direção à parte baixa do atual bairro Rio Branco e ali passaram a viver seus sonhos de liberdade e, quando

já libertos, suas conquistas. As ruas dos poetas, Castro Alves e seu navio Negreiro, Casemiro de Abreu com sua canção do exílio e sua infância querida eram vizinhas, formando outras esquinas com a Esperança. Era a chamada colônia africana. Por ali viviam lavadeiras, várias escolas de samba tinham suas sedes, seus descendentes puderam estudar, mas sempre com menos oportunidades que os demais. Os nomes dessas ruas vieram daqueles que não só esperaram pela liberdade, mas também fizeram de sua busca suas andanças. A Esperança, o nome da rua, já se foi, a Liberdade permaneceu... (até quando?). Liberdades e Esperanças que nunca se conquistam plenamente e por isso teremos sempre que renová-las, reencontrar e voltar a essas esquinas, para novamente habitá-las. Mesmo sabendo que essa é e será uma tarefa inacabada de todos nós. Voltar e re-voltar e conquistar, pois é também do humano não desistir de sê-lo.

Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar
Azar,
A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar
("O Bêbado e a Equilibrista", João Bosco e Aldir Blanc)

E então?

Esperarei
Esperarei que cresça a árvore
e que me dê sombra.
Mas adubarei a espera
com minhas folhas secas.

Esperarei que brote o manancial
e que me dê água.
Mas despejarei meu riacho
de memórias enlameadas.

Esperarei que aponte
a aurora e me ilumine.

Mas sacudirei minha noite
de prostrações e mortalias.
Esperarei que chegue
o que não sei e que me surpreenda
Mas esvaziarei a minha casa
de tudo o que estiver estagnado.

E ao adubar a árvore,
despejar o riacho,
sacudir a noite
e esvaziar a casa,
a terra e o lamento
se abrirão à esperança.

(Benjamín G. Buelta, SJ)

Então...

*Até depois, então,
num tempo que ainda
não sei...
um tempo que não nos é dado.
Mas, só sei que não mais
esperarei...
sentado.*

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 07/01/2021

Aceito em: 01/03/2021

Renato Trachtenberg
Rua Florêncio Ygartua, 391 / 402
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: retrachten@terra.com.br